



Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que



não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito	
Monique de Oliveira Serra	
Michelle de Sousa Bahury	
Luciano Torres Tricário	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa	
Rosilene Alves de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar	
Priscila Francisco da Silva	
Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
NORMALIDADE E ANORMALIDADE	
DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior	
Jéssica Gontijo Nunes	
Juliane Hirosse Malizia	
Mariana Araújo Bichuete Cavalcante	
Millais Lariny Soares Rippel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905066</b>	



<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905067</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050614</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
<a href="#">Caroline Mitidieri Selvero</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050615</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>175</b>
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
<a href="#">Luana Inês Alves Santos</a>	
<a href="#">Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>181</b>
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
<a href="#">Neide A. Silva Gomes</a>	
<a href="#">Rosemyriam Cunha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>195</b>
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
<a href="#">Maria Andreia Lopes da Silva</a>	
<a href="#">Marilza Nunes de A. Nascimento</a>	
<a href="#">Claudete Cameschi de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>205</b>
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
<a href="#">Valdenides Cabral de Araújo Dias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>218</b>
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
<a href="#">Elizabeth Pereira Barbosa</a>	
<a href="#">Luciana Freitas de Oliveira Almeida</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
<a href="#">Raphael Bessa Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>243</b>
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
<a href="#">Luiza Bäumer Mendes</a>	
<a href="#">Marcele Pereira da Rosa Zucolotto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050622</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>249</b>
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti Christiano Piccioni Toralles Raquel Andrade Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050623</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>262</b>
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050624</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>274</b>
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050625</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>290</b>
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050626</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>305</b>
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa Victória Botelho Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050627</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>310</b>
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo Ana Amélia Furtado de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050628</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>326</b>
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050629</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>342</b>
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho Daniella Brito Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050630</b>	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>352</b>
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>361</b>
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos	
Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>376</b>
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro	
Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>384</b>
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida	
Esther Dutra Ferreira	
Joane Marieli Pereira Caetano	
Laís Teixeira Lima	
Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>397</b>
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni	
José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>413</b>
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença	
Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>422</b>
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra	
Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>437</b>
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
<a href="#">Mirely Christina Dimbarre</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050638</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>449</b>
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
<a href="#">Luciana Specht</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050639</b>	
<b>CAPÍTULO 40</b> .....	<b>459</b>
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
<a href="#">Raquel Souza de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050640</b>	
<b>CAPÍTULO 41</b> .....	<b>468</b>
ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
<a href="#">Joseane da Silva Miller Rodrigues</a>	
<a href="#">Eliane Aparecida Galvão dos Santos</a>	
<a href="#">Fernanda Figueira Marquezan</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050641</b>	
<b>CAPÍTULO 42</b> .....	<b>476</b>
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
<a href="#">Michelle Sales</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050642</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>490</b>

## SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO-FORMAL

### Julio Neto dos Santos

Universidade do Rio Grande do Norte (UERN)  
Pau dos Ferros - RN

### Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho

Universidade do Rio Grande do Norte (UERN)  
Pau dos Ferros - RN

### Daniella Brito Almeida

Universidade do Rio Grande do Norte (UERN)  
Pau dos Ferros - RN

**RESUMO:** O presente trabalho pretende discorrer sobre as noções de sentido e referência dentro no Curso de Linguística Geral (CLG) de Ferdinand de Saussure e no *Tractatus Lógico Philosophicus* (TLF) do autor austríaco Ludwig Wittgenstein. Dentro dessa perspectiva se abordará a questão do sentido e da referência dentro de um sistema linguístico (Linguística do Sistema), no qual as relações sintagmáticas e associativas, a sincronia e a própria noção de signo linguístico só faz sentido dentro do sistema da língua caracterizado pela noção de valor que as palavras ganham umas em relação com as outras. No *Tractatus Lógico Philosophicus* se abordará a questão do mundo, partindo do princípio de que o mesmo é formado pela relação de estado das coisas e que não tem nenhuma relação com o mundo físico (mundo mostrado), que a relação entre o estado das

coisas mostra como o sentido de uma dada proposição só é considerada verdadeira ou falsa dentro de um sistema lógico-formal guiado por uma lógica matemática. As obras dos dois autores, distantes no tempo e no espaço: 1916 (CLG), 1921(TLF), Saussure propõem um projeto minimalista para o estudo científico da linguagem, no qual eleva a linguística ao status de ciência autônoma com objeto de estudo definido, a língua, criando uma metateoria que é ao mesmo tempo o marco inicial de todos os estudos linguísticos da modernidade e um divisor de águas, dada as várias disciplinas que daí nasceram. Wittgenstein tenta resolver os problemas de linguagem atrelados às confusões e reflexões da filosofia clássica, discorrendo sobre os conceitos de sentido e referência a partir de uma lógica formal no TLF. Portanto, o sentido e a referência nos dois autores são dois conceitos geradores de significação e sentido, ao mesmo tempo semelhantes e diferentes dentro do sistema da língua e da lógica formal da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sentido. Referência. Linguagem lógico-formal.

**ABSTRACT:** The present work intends to discourse about the sense and notions and reference inside of *Tractatus Logical-Philosophicus* of the Austrian author Ludwig Wittgenstein. In that perspective the subject of



the world will be approached in *Tractatus* leaving of the beginning that the same is formed by the relationship of state of the things and that he/she doesn't have any relationship with the physical world (shown world); the relationship among the state of the things that shows as the sense of a given proposition is only considered true or false inside of a logical-formal system guided by a mathematical logic. Saussure, similar to Wittgenstein, in his posthumous publication relates the sense and the reference inside of a linguistic system (*Linguistics of the System*), in which the relationships syntagmatics and associative, the synchrony and the own notion of linguistic sign only does felt inside of the system of the language characterized by the notion of value that the words win some in relationship with the other ones. The two authors propose a project minimalist in which Wittgenstein tries to solve the language problems harnessed the confusions and reflections of the classic philosophy and Saussure elevates the linguistics to the status of autonomous science, creating a theory that is at the same time the initial mark of all of the linguistic studies of the modernity and a divisor of waters, given the several disciplines that then were born. The sense and the reference we of the authors are at the same time similar and different inside of the logical system - formal of the language.

**KEYWORDS:** Sense. Reference. Logic-formal language. Relationships intersígnias. System.

## INTRODUÇÃO

“O homem possui a capacidade de construir linguagens nas quais cada sentido se deixa exprimir, sem, contudo pressentir como e o que cada palavra denota...”.

Ludwig Joseph Wittgenstein

A linguagem é algo que sempre fascinou o homem. Desde épocas muito remotas havia a preocupação de registrar as ações do homem sobre a terra. No entanto, é só no século V a.C. que as discussões em torno da linguagem ganham destaque. Inicialmente, no *Crátilo* do filósofo grego Platão. Nessas discussões, se problematizava se a linguagem era natural ou convencional. O filósofo Platão ficou no meio termo dizendo que a linguagem tem traços naturais e convencionais. Essas discussões se alongaram durante séculos sem que se tivesse uma solução, no mínimo razoável para explicar a linguagem. Várias investidas foram feitas com esse intuito, mas só no século XIX é que essas discussões começam a ganhar um rumo ao verdadeiro caminho da linguagem.

O filósofo da linguagem austríaco Ludwig Joseph Wittgenstein (1889-1951) em seu *Tractatus Lógico-Philosophicus* tenta resolver todos os problemas de linguagem, que segundo o autor permeavam a filosofia clássica. Seu livro é um escrito valioso tanto para a filosofia quanto para a Linguística a qual nascera anos antes. A contribuição do *Tractatus* vai desde a formulação da arbitrariedade do signo linguístico (em termos filosóficos) até a conceituação da Linguística do sistema, que era dominante na

linguística saussuriana do século XX.

No *Tractatus Logico-philosophicus* a noção de sentido se situava dentro dos estados das coisas, as quais eram uma conexão entre os fatos representativos do mundo, isto é, imagem figurativa do mundo real (o caos). Os estados de coisas só tinham sentido se essas se relacionassem entre si, e é esse relacionamento que atribui sentido ao sentido. A referência no mesmo livro de Wittgenstein é sempre um mundo figurativo criado pela linguagem. Nesse mundo, que não é o mundo real, as coisas interagem de forma a criar um sistema de referentes para as coisas do mundo figurado.

A noção de sentido e referência no *tractatus* também é feita a partir da noção de verdade e falsidade. Essa relação também se manifestava dentro do mundo figurativo, ou seja, a noção de verdade e falsidade só faz sentido quando se refere a um elemento (objetos) do mundo figurativo da linguagem. Além disso, verdade e falsidade são dois termos relativos que expressam proposições lógico-matemáticas, isto é, a linguagem só faz sentido quando estabelece uma verdade sobre uma falsidade expressa por uma proposição do tipo A= mesa e B= cadeira; Se numa dada situação, emprego A por B, então, temos a noção de falsidade atrelada ao sentido e a referência.

Saussure e Wittgenstein se aproximam e se distanciam em pontos teóricos e em seus pontos de vista. O primeiro com um projeto mínimo que dá a Linguística um objeto teórico que a faça uma ciência que fizesse parte das ciências humanas. O segundo, um projeto ambicioso de reduzir a linguagem a caracteres mínimos, ou seja, uma linguagem lógico-formal em proposições matemáticas dentro da filosofia analítica. Em ambos os casos temos um tratamento científico à linguagem, embora uma permaneça no campo da filosofia e outro no da Linguística.

## **1 | SAUSSURE: UM PROJETO MINIMALISTA PARA O ESTUDO CIENTÍFICO DA LINGUAGEM**

No *Cours de Linguistique Générale*, (Doravante CLG) é uma publicação atribuída a Ferdinand de Saussure depois de sua morte, lançada pelos discípulos C. Bally e A. Sechehaye através das anotações que os mesmos fizeram das aulas com seu mestre Saussure; Nele aparece uma tendência semelhante a do Wittgenstein. De Saussure procurou retirar da linguagem tudo aquilo que ele considerava não apropriado (a exterioridade da linguagem), ou seja, um objeto de estudo definido. Nessa perspectiva Saussure inaugurou uma nova forma de conceber o estudo científico da linguagem: a linguagem enquanto sistema abstrato de signos linguísticos.

Saussure se propôs a um projeto de delimitar e minimizar a linguagem em unidades mínimas para tentar entendê-la melhor. O primeiro passo foi delimitar a linguagem admitindo que somente a língua era o verdadeiro objeto de estudo da Linguística.

Dessa forma admitia que:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independe do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra secundária tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física(*sic*). (SAUSSURE, 2006, p. 27)

Na concepção de Saussure a língua deveria ser o verdadeiro objeto da linguística por que, ao contrário da fala, a língua era social por natureza, ou seja, atinge todos os indivíduos de uma a mesma comunidade sem que eles tenham consciência disso. Na parte social é que o linguista poderia intervir; a língua num estado sincrônico pode ser estudada, pode ser fragmentada em unidades menores, ou seja, pode-se inferir em sua unidade, o sistema de funcionamento.

A célebre metáfora do jogo de xadrez diz melhor a proposta do autor do CLG em que,

Uma comparação com o jogo de xadrez fará compreendê-lo melhor. Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo. (SAUSSURE, 2006, p. 32).

Essa comparação aproxima bastante Saussure com Wittgenstein. Este procurava reduzir a linguagem ao mínimo atribuído a cada fato (objeto) um caractere linguístico (ou não!), não importando qual a cultura ou o país, um caractere designava um objeto do mundo figurativo, o qual só tem sentido se se relacionar com outro que não seja ele. Aquele se preocupou com o fato de que, sendo social a língua tinha um sistema universal compartilhado por todos os falantes e, essas regras que eram a gramática de uma língua seria aquilo que deveria ser estudado. Não importa para este, o fato de os falantes serem velhos, homens ou mulheres, se frequentaram a escola ou não, o fato é que para todas as realizações do pensamento humano a língua dava de conta deles.

Nos dois autores, a noção de sentido e de referência está atrelada ao sistema lógico-formal em um e no sistema linguístico no outro. Neles o referente nunca é um objeto do mundo real, mas uma representação psíquica e mental deste no sistema lógico-formal e linguístico. Qualquer nome, tanto em Saussure quanto em Wittgenstein, não significa sozinho, mas relacionado com os outros nomes do sistema. Qualquer signo só significa dentro sistema da língua.

Edward Lopes assim se pronuncia quanto ao sentido em De Saussure:

No CLG, Saussure distinguia as relações intra-sígnicas – relações ‘verticais’ no interior de um mesmo signo entre o significante e o significado -, das relações intersígnicas – aquelas que cada signo mantém com os demais signos presentes no mesmo enunciado -. A *parole* se desenvolve sintagmaticamente, e ao longo de um virtual eixo de sucessões onde cada elemento discreto (‘palavra’) ocupa uma *posição significativa*. Graças a isso, o significado desse elemento não provém de sua natureza, mas sim, por um lado, da posição que ele ocupa por referência aos outros elementos e coocorrentes em seu contexto e, por outro lado, ele depende

dos elementos ausentes desse mesmo contexto, mas por ele evocados, na memória implícita da *Langue*. Assim, raciocinava Saussure, um elemento lingüístico é *puro valor* e o seu significado fica determinado num duplo enquadramento: o sintagmático, discernível no contraste entre elementos discretos *in presentia* na *parole*, e o *paradigmático* (associativo), discernível nas oposições instauradas entre os membros da mesma classe de palavras e memoráveis na *langue*. (LOPES, 1980, p.234-235.)

Para Saussure o significado se dar dentro do próprio sistema em oposição, quando um signo estabelece uma relação de oposição aos demais signos. As relações que Saussure falava esta no nível sintagmático em que o significado se dar pela oposição dos signos na cadeia linear da disposição dos signos; o outro era uma relação em que se estabelecia o sentido através da relação opositiva com o que está ausente do sistema, ou seja, se dar nas relações paradigmáticas. Nesse modelo de descrição linguística, o sistema por si só é quem estabelece as relações de sentido, e dessa maneira, sujeito que fala apenas manipula os elementos lingüísticos do sistema de maneira a ignorar o contexto, pois a relação de sentido não se dar fora do sistema, mas sim, dentro dele.

Uma defesa que é muito atual e reveladora em Saussure com relação ao sentido e a referência é sua defesa de significante e significado. Para ele o signo lingüístico é formado por duas partes: o significante ao qual Saussure denominou imagem acústica, que não é nem som nem palavra, mas uma imagem auditiva que se faz do signo; O significado é a outra parte do signo, esta é o conceito, ou seja, a representação mental que se faz da imagem acústica. Esta versão de Saussure é muito rica em relação a sua formulação teórica e tem sido bastante descrita pela Linguística moderna, ora concordando com Saussure, ora interpretado equivocadamente na visão de um Saussuriano.

Com significante/significado a noção de sentido e referência se dá dentro do próprio sistema lingüístico. É uma visão intralingüística, ou seja, o signo só pode significar dentro do sistema de uma língua. Nessa perspectiva não há um referente fora do sistema, ou extralingüístico, visto que o próprio Saussure exclui de sua tese tudo que era exterior a língua, inclusive o contexto onde a língua era usada. Um signo só significa no contexto do sistema formal da língua.

Outra noção defendida por Saussure e presente em Wittgenstein é a arbitrariedade do signo; E embora isso seja em Saussure uma preocupação eminente, em Wittgenstein isso não está bem claro, visto que a posição de Saussure já é uma interpretação possível, do que de alguma forma já era uma das defesas do Wittgenstein que tentou minimizar a linguagem em caracteres mínimos, ou seja, ele fez um tipo de convenção lógico-formal para as convenções arbitrárias já existentes. Wittgenstein tentou convencionar o convencionado em termos eminentemente formais e lógico-matemáticos.

Quanto a isso diz Saussure:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a idéia de que

o significado dependa da livre escolha de que fala [...] não esta ao alcance do indivíduo trocar alguma coisa no signo, uma vez que ele estabelecido num grupo lingüístico; queremos dizer que o significante é *imotivado* em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (op. cit. p. 83)

Essa defesa de Saussure está de acordo com a de Wittgenstein no ponto em que os dois aceitam que a linguagem é convencional, não representando nem uma conexão com a realidade empírica e que de alguma forma a linguagem é uma forma de organizar e dá sentido ao mundo, uma vez que categorizada convencionalmente a impressão que se tem é que a linguagem é natural. No entanto os dois se separam pelo fato de Saussure tentar fundar uma nova ciência, a Linguística, enquanto Wittgenstein estava mais preocupado, no *Tractatus*, em resolver o problema da linguagem ordinária, tentando diminuir ao máximo a sistema formal das línguas para que se tivesse um código universal entre os homens, para que a linguagem fosse única, lógico-formalmente, para todas as pessoas do planeta, uma preocupação muito contemporânea na cibernética e na ciência da computação.

## 2 | WITTGENSTEIN E O TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS

O *Tractatus Logico-philosophicus* (Doravante TLF) é um livro atomista que se pretende ser uma teoria que minimaliza a linguagem ao mínimo, para a partir daí, tentar entender a linguagem humana em sua totalidade. O projeto de Wittgenstein é o de resolver finalmente todos os problemas de linguagem herdados da filosofia clássica, instituindo no *Tractatus* a redução dos caracteres linguísticos representativos de coisas para entender a linguagem a partir de um ponto de vista lógico-formal, materializado numa proposição lógico-matemática.

Para realizar seu projeto, Wittgenstein começa por introduzir novos conceitos no campo filosófico e a conceituar os elementos passíveis de análise para poder fundamentar os princípios, segundo, ele, norteadores da linguagem.

### 2.1 O mundo e os objetos

O mundo é tudo o que ocorre. O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas. O mundo é determinado pelos fatos, e por isto consistir em *todos os fatos*. A totalidade dos fatos determina, pois, o que ocorre e também aquilo que não ocorre. Os fatos, no espaço lógico, são o mundo. O mundo se resolve em fatos. (WITTGENSTEIN, 1921, p. 55).

Na defesa de sua tese, Wittgenstein entende que o mundo é representado por tudo o que nele ocorre, no entanto não é do mundo real que ele fala, é de um mundo figurativo constituído de linguagem e não qualquer linguagem, mas uma linguagem lógica e formal, na qual se situa os objetos que fazem desse mundo, mundo figurativo organizado formal e matematicamente.

Nesse íterim o mundo é só um espaço lógico onde se desenrolam os fatos, visto que o mundo é determinado pelos fatos que em sua totalidade o constituem, ou

seja, tudo o que acontece é um fato que conjugado com outros fatos determinam e constituem esse mundo.

Wittgenstein vai mais longe ao propor que o mundo lógico-formal constituído de fatos representantes das coisas do mundo, pode ser determinado por tudo àquilo que ocorre e que não ocorre, ou seja, uma coisa acontece porque outra deixou de acontecer e vice-versa. Uma coisa acontece, não por que é independente, mas porque a ausência de outra favorece seu acontecimento.

O sentido e a referência são determinados pela relação lógica entre os fatos dentro do mundo figurativo, ou seja, para algo fazer sentido é preciso que esteja em relação com um elemento referente dentro do sistema formal de uma dada proposição. Nessa perspectiva a referência é um fato que é a representação de uma coisa (objeto do mundo figurativo) que estabelece uma relação constitutiva de sentido dentro linguagem formal. Como “o mundo se resolve em fatos”, estes são por excelência a referência de sentido para o mundo criado a partir da linguagem lógico-formal.

Nessa perspectiva, para Wittgenstein:

O objeto é simples. Cada asserção sobre (*sic*) complexos se sobre complexos deixa-se a dividir numa asserção sobre (*sic*) suas partes constitutivas e naquelas proposições que descrevem inteiramente tais complexos. Os objetos formam a substância do mundo. Por isso não podem ser compostos. Se o mundo não tivesse possuído substância, para uma proposição ter sentido dependeria de outra proposição ser verdadeira. Seria possível traçar uma figuração do mundo (verdadeira ou falsa). (WITTGENSTEIN, 1921, p. 57)

O mundo figurativo é representado por objetos do mundo formal (ou imaginado) que conteria a substância que formaria o mundo. Dessa maneira, Wittgenstein encara o mundo como sendo uma figuração abstrata dos objetos que o compõem. Os objetos combinados formariam uma assertiva complexa que seria um estado de coisas que seria a representação formal do mundo. Nesse mundo, o sentido depende não do objeto imaginado em si, mas da relação que ele mantém com outra assertiva, que sendo verdadeira ou falsa determinaria a falsidade ou legitimidade desse objeto, ou seja, o sentido dependeria da referência adotada como falsa ou verdadeira.

Para Wittgenstein, os objetos são incolores, pois fazem parte de um mundo imaginado, não obstante, eles são a representação mental das coisas do mundo imaginado.

## 2.2 Os estados de coisas do mundo

Interessante é a defesa do autor do *Tractatus* sobre os estados de coisas. Os objetos do mundo imaginado formam a substância desse mundo numa forma figurativa da realidade. Essa figuração do objeto forma os estados de coisas. Nessa, os objetos se ligam uns aos outros formando uma cadeia ininterrupta de construção de sentido. A possibilidade de conexão entre os objetos forma uma estrutura que é uma representação dos estados de coisas para constituir os estados de coisas.

Nessa perspectiva, os estados de coisas representam o mundo, que pode ser



determinado ou não pelo estado de coisas. A existência ou não existência dos estados de coisas formariam o mundo, ou seja, o mundo é aquilo que ocorre e também aquilo que não ocorre, que representa uma realidade. A realidade seria um modelo de mundo figurado representado dentro de um espaço lógico. Nesse espaço lógico o sentido é determinado pelo referente da figuração do mundo dentro de uma linguagem lógica e formal. Ao lado da figuração pode aparecer a afiguração, uma forma coordenada dos elementos do mundo, forma que faz um elo com as coisas do mundo real. Por ser a figuração lógica e a afiguração ilógica, somente os elementos figurados no mundo podem fazer sentido, isto é, o sentido é ainda determinado pela lógica formal dentro do mundo figurado.

Com relação à figuração, Wittgenstein mostra que:

A figuração concorda ou não com a realidade, é correta ou incorreta, verdadeira ou falsa. A figuração representa o que representa, independentemente de sua verdade ou falsidade, por meio da forma da figuração. O que a figuração representa é o seu sentido. (Op. cit. p. 61)

A figuração representa um mundo figurado de tal maneira que independe dele, ou seja, como ela não é o mundo real pode muito bem discordar dele, mesmo por que não é por meio do mundo real que estabelecemos uma relação de sentido e referência. O referente é figurado tal qual o mundo é representado no mundo lógico-formal (metáfora do espelho) e o sentido é a relação desse referente com outros elementos do mundo figurado. Nesse ínterim, a figuração representa sempre um sentido, independente de seu objeto figurado, mesmo por que isso não é necessário já que este não depende dessa relação linguagem - mundo, a relação depende da relação dos objetos dentro dos estados de coisas para poder fazer sentido. Em outras palavras, a figuração do mundo na linguagem é sempre uma representação de sentido.

## 2.3 Verdade e falsidade

Sobre verdade e falsidade, assim escreve Wittgenstein no *Tractatus*:

Na concordância ou na discordância de seu sentido com a realidade consiste sua verdade e falsidade. Para reconhecer se uma figuração é verdadeira ou falsa devemos compará-la com a realidade. Não é possível reconhecer apenas pela figuração se ela é verdadeira ou falsa. Não existe uma figuração *a priori* verdadeira. (WITTGENSTEIN, 1921, p. 61)

A verdade/falsidade no *Tractatus* é uma relação de sentido entre as proposições dadas. Uma proposição é verdadeira se outra for verdadeira, isto é, a noção de verdade/falsidade depende do referente que a antecede. Em Wittgenstein, para saber se uma proposição é verdadeira ou falsa é preciso compará-la com a realidade. Esta, no entanto, é uma substância representada pela relação das coisas dentro da linguagem simbólica.

Só é possível reconhecer se uma proposição é verdadeira ou falsa se ela estabelecer uma concordância a ou discordância com os fatos do mundo figurativo.

“P” é “P” porque não é “B”, por exemplo, ou seja, “P” significa “P” porque não é um “Não P”; essa concordância e discordância é que é o referente de sentido de uma dada proposição. De uma forma ou de outra, o sentido é sempre algo interno ao sistema simbólico da linguagem. Verdade/falsidade são termos testados e não são *a priori* em termos de constituição de sentido.

## 2.4 O signo proposicional

Chamo de signo proposicional o signo pelo qual exprimimos o pensamento. E a proposição é o signo proposicional em sua relação projetiva com o mundo. À proposição pertence tudo que pertence à projeção, não, porém, o que é projetado. [...] A proposição, portanto, não contém seu sentido, mas a possibilidade de exprimi-lo. Está contida na proposição a forma de seu sentido, não, porém, seu conteúdo. O signo proposicional consiste em que seus elementos, as palavras, estão relacionados uns com aos outros de maneira determinada. O signo proposicional é um fato. (WITTGENSTEIN, 1921, p. 61).

O termo “signo proposicional” no *Tractatus* pressupõe não só o signo em si como representação mental de um objeto, mas também que, um signo sozinho nada representa, a não ser que venha numa proposição com um valor determinado. Esse valor depende da relação entre a verdade e falsidade do signo com a projeção do mundo. O signo é um nome que substitui as coisas na proposição e esta é uma cadeia de signos significativos.

Há no *Tractatus*, uma relação entre pensamento e linguagem, fato que será uma preocupação futura de psicólogos e linguistas. O pensamento é expresso por meio da linguagem que na proposição já traz um sentido intra-signo na linguagem lógico-formal. A proposição só tem sentido se for significativa, ou seja, a propriedade de dizer alguma coisa sobre os estados de coisas, isto é manter uma relação de sentido dos nomes de forma a constituir um dado sentido. A referência, nessa perspectiva, é o conteúdo proposicional e o sentido é a relação entre os objetos da proposição significativa no ínterim da linguagem simbólica lógico-formal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Wittgenstein e Saussure tentaram entender a linguagem a partir de pontos de vista que convergem e que divergem ao mesmo tempo. O primeiro, no campo de filosofia analítica tenta resolver os problemas de linguagem herdados da tradição filosófica, imprimindo seu nela seu espírito crítico e sua visão científica e filosófica, buscando um sentido para o estudo, ou pelo menos o entendimento da linguagem humana.

Saussure com seus anagramas (um estudo relegado?) deu a Linguística um objeto de estudo, a língua enquanto sistema abstrato de signos, o que inaugura uma nova forma de ver e de se estudar a linguagem humana.

Para Wittgenstein, o sentido e a referência existem a partir de um mundo

constituído de linguagem, ou melhor, de uma linguagem lógico-matemática, que foi um grande avanço para as teorias posteriores, embora ele mesmo desdiga isso depois nas “Investigações filosóficas”.

Para Saussure ao mesmo tempo em que inaugura uma nova forma de se estudar a linguagem humana, também se torna um divisor de águas, já que as noções de sentido e referência vão dá origem às ciências do significado e do significante, respectivamente. De uma forma ou de outra, Wittgenstein do *Tractatus* e Saussure do Curso de Linguística Geral deixaram para as várias ciências da posteridade um legado que pouco foi superado em termos lingüísticos e filosóficos, tendo em vista que tudo que eles disseram ainda continua a ser dito e redito em todas as partes do mundo.

Podemos concluir, sem que o que foi exposto até aqui não encerre uma verdade absoluta sobre os fatos de linguagem, mas que de alguma forma tentou-se falar dela num tipo de recorte teórico do sentido e da referência em dois autores que são a peça-chave de todo pensamento filosófico e lingüístico do século XX.

Entender a linguagem em sua plenitude é uma tarefa que ainda carece de muita pesquisa e, apesar de muito explorada a linguagem ainda é um grande enigma para o homem.

Saussure e Wittgenstein, embora distantes no tempo e no espaço, fizeram um entendimento semelhante quando se fala de sentido e referência na linguagem. Ambos, com a intenção de tornar a linguagem mais inteligível e entendível para seu estudo e compreensão, a trataram, nas épocas em questão, de uma linguagem lógica e formal, em que o sentido e a referência se faziam dentro de um conceito abstrato de linguagem, sem a intervenção e compreensão do mundo real e concreto.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA JÚNIOR. Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 14. ed. Vozes. Petrópolis: 1986.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. Cultrix. São Paulo: 1973. Martins Fontes, 2004.

HARRIS, R. **Language, Saussure and Wittgenstein: how to play games with words**. London: Routledge, 1988.

LOPES, Edward. **Fundamentos de linguística contemporânea**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 232-335.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. (org.: Cháles Bally. (Albert Sechehaye) 27. ed. São Paulo.

WITTGENSTEIN, Ludwig Joseph. **Tractatus lógico-philosophicus**. Trad. e Apres. José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1921, 152 p.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-378-1

